

ALFRED LEWIS — ROMANCE E POESIA EM DOIS IDIOMAS

por
DONALD WARRIN

Pela instrução, pelas condições da sua vida, o escritor imigrante português chegado na primeira onda imigratória que atingira o seu apogeu nas primeiras décadas do século, não diferia muitos dos outros seus compatriotas nos Estados Unidos. Talvez tenha beneficiado de mais alguns anos de estudos adquiridos no seminário, ou de maneira mais informal, depois de se terminarem as lições da escola primária. As suas primeiras experiências aqui na nova terra, porém, parecem não os distinguir das de qualquer outro recém-chegado.

Chegavam jovens, ainda nos anos formativos, nos seus 15, 16, 19 anos, boa parte da formação intelectual ainda por fazer. Levavam consigo, na sua bagagem literária, um estilo e uns conceitos, já ultrapassados nos meios artísticos mais *au courant*, do continente. Iam, por assim dizer, de um isolamento para outro. Trocavam um horizonte limitado por outro, materialmente de maior promessa, mas intelectualmente quiçá ainda mais circunscrito. Conheciam aqui o trabalho manual, salvo fossem padres, como Guilherme Glória, antigo poeta laureado da comunidade e autor do poema épico, *Cabrilho*¹. Iam ordenhar vacas

¹ In *Poesias*. Oakland, Califórnia: Tip. de *A Liberdade*, 1935, pp. 227 a 321.

no vale de S. Joaquim, mourejar nos campos, nas fábricas, nos restaurantes ou lavandarias portuguesas. Nas horas vagas, as poucas que lhes sobravam, continuavam com os exercícios literários com que sempre se haviam entretido. Os mais ditosos pertinazes haviam de conseguir, um dia, uma hora na rádio, uma página no jornal local de língua portuguesa. Pouco existia no ambiente, contudo, para estimular o escritor embrionário, ou facilitar-lhe a criação de uma obra que se erguesse acima dos interesses mundanos que o circundavam. O escritor imigrante era, como os seus conterrâneos, um homem entre dois mundos: um, cada vez mais longe, e o outro para nunca ser inteiramente compreendido.

Os contactos essencialmente populares, tanto aqui como no mundo agrário e humilde que deixara, impediriam que se refugiasse no eruditismo vigente nos meios literários. Em estilo singelo, popular, ia compor, em pleno século vinte, versos românticos, ou prosa que lembrava Camilo. Disto são exemplo os versos de Artur Ávila, grande figura nos primeiros anos da rádio portuguesa na Califórnia.

De todos os indivíduos que tomaram na mão a pena e rasculharam estâncias ou parágrafos na sua língua materna, ou com ainda mais ousadia, experimentaram a criação artística do novo idioma que iam adquirindo, é Alfred Lewis quem mais plenamente se realizou. Nascido a 30 de Abril de 1902 na freguesia de Fajãzinha, ilha das Flores, é filho de baleeiro e pesquisador de ouro que, depois das longas e demoradas viagens, voltara ao lar para regalar os filhos com as crónicas dos sete mares e das terras de Eldorado, e assim para sempre determinar-lhes as directrizes da vida. O velho Lewis tinha permanecido nos Estados Unidos o tempo suficiente para adquirir a cidadania e ver o nome americanizado. O futuro do jovem Lewis e do irmão dedicou-se e, cada um, por sua vez, abalou para a América.

Da experiência açoriana tirou Alfred Lewis a inspiração para escrever, em inglês, o seu primeiro romance, *Home is an*

*Island*². Aí se retrata a vida de um jovem ilhéu, José de Castro, até o momento da sua emigração para o Terra de Ouro. O livro teve bastante sucesso no mercado americano e perante os muitos críticos que o comentaram. Notou-se o estilo ao mesmo tempo singelo e cheio de ricas imagens poéticas, a qualidade sensível e espiritual do romance e a atmosfera de repouso e tranquilidade que o distingue.

A formação intelectual de Lewis foi irregular. Concluídos os exames de instrução primária, continuou os seus estudos sob a direcção de uma professora e do padre da freguesia. Aos 14 anos começou a colaborar no jornal *Florentino*, que se publicava em Santa Cruz, escrevendo poesias e contos. Nesta época colaborava no mesmo periódico o grande poeta florentino, Roberto de Mesquita. Ofereceu-se, então, ao jovem Lewis, a oportunidade de fixar-se em Coimbra, afim de preparar-se para a entrada na universidade. Mas o jovem teimoso, a cabeça cheia dos contos do pai e das cartas do irmão, já radicado na Califórnia, optou pela aventura americana.

Desembarcou Alfred Lewis em Providence, Rhode Island no ano de 1922, contando 19 anos de idade. Com 75 centavos americanos e um bilhete de comboio, parte para a costa oeste e estabelece-se logo na cidade de Atwater, no vale de San Joaquin, estado da Califórnia. Aí, junto com o irmão mais velho, o rapaz que entretinha ideias de ser doutor pela Universidade de Coimbra, aprende a colher batata doce nos campos da Califórnia. Do Vale, seguimo-lo até à cidade de S. Francisco, onde consegue emprego como ajudante de cozinha num restaurante português. Sempre a ler e a escrever, manda um artigo a Pedro da Silveira, editor do *Jornal de Notícias*, o qual vai buscá-lo para lhe oferecer emprego num periódico semanal de língua portuguesa em Hayward, a *Revista Portuguesa*. Pagam-lhe, então, como ordenado, três dólares por semana com comida e quarto na água-furtada do dono do jornal, um Sr. Melo.

² New York: Random House, 1951.

Mais tarde é convidado por Artur Ávila, editor, naquela época do jornal *Lavrador Português* de Tulare, para lá ir trabalhar. Em 1926, após quatro anos na Califórnia, vemo-lo radicado definitivamente em Los Baños, onde passará o resto da sua vida, vindo a falecer no ano de 1977.

Fruto principalmente da experiência destes primeiros anos, é o seu segundo romance autobiográfico, *The Land is Here*³. Trata-se da continuação, há muito esperada entre os leitores de Lewis, de *Home is an Island*. Por razões que se tentarão esclarecer aqui, este e os vários outros romances escritos a seguir, permanecem inéditos. Em *The Land is Here* seguimos José de Castro desde a partida da sua ilha (não se menciona qual). No barco encontra um jorgense, Alexandre Morais e, mais a mulher deste, vão até a Califórnia onde, chegados à terra de promessa, encontram trabalho no rancho de um Sr. Linhares, na cidade de Medina. José, introspectivo, estudioso, hospedado na mesma barraca onde se guardavam as batatas, começa a tosis e descobre-se logo que é tuberculoso. É mandado para um sanatório na montanha. Descobre, aí, a literatura americana e a inglesa: lê Crane, Whitman, Keats, Kipling, Sherwood Anderson: «He writes of little people, their problems, the life ou small towns»⁴. (E assim aprendemos alguma coisa do Lewis, do seu modo de pensar). Em Monte Vista — assim é chamado o sanatório —, José recebe a sua iniciação na morte e no amor. Alguns anos mais tarde regressa a Medina, já homem. Abre escritório, torna-se cidadão americano, assiste à depressão dos anos 30.

O enredo do romance envolve as personagens que habitam o rancho: o senhor Linhares, já idoso, rico pelo trabalho de cinquenta anos em Medina, que, por fim, regressa à sua terra natal açoriana, para ali morrer; Alexandre que, tal qual o

⁴ *The Land is Here*. MS, p. 172.

³ Inédito como, aliás, os outros que se mencionarão adiante.

Linhares, só pensa em labutar, juntar dinheiro, adquirir mais vacas e terras, por fim morrendo de um ataque de coração; Tony, filho do casal, que teima em não ficar preso na leitaria por toda a vida e, contrariando a vontade do pai, se alista no exército para, pouco mais tarde, ser morto na guerra. E Ana, mulher de Alexandre, carecendo dos afectos matrimoniais, que se encontra mais e mais atraída para José de Castro. Termina-se a história com Ana e José sós e enamorados.

O defeito do romance resulta principalmente do enredo difuso e, como se nota em todas as obras narrativas de Lewis, sem aqueles grandes conflitos que são para o leitor moderno o *sine qua non* da literatura. Homem pacato, altamente pacifista, Lewis detestava a guerra. Preferia focar os aspectos bondosos das suas personagens, o que serviu para restringir as possibilidades narrativas dos seus romances. Nota-se o aviso que deu o médico de Monte Vista ao jovem José de Castro, na véspera da sua saída do sanatório: «Now, your case: Naturally, you must always remember that cavity. It is important that you do. Any exertion, hard, back-breaking work, the disregard of sensible rules ... late hours, poor food or no food at all. There must always be a happy state about your thinking. Happiness is, and always should be, the key to good health»⁵. Receita médica, originária da imaginação de Alfred Lewis, ou do médico dele, caracteriza, da qualquer maneira, a mundivivência do escritor.

Em *Sixty Acres and a Born Lewis* retoma o assunto do jovem imigrante no vale de S. Joaquim. Esta vez é Luís Sarmiento que se encontra na leitaria de um velho amigo do pai, Tomé Madruga. Porque há demasiado trabalho para os dois, o dono contrata um casal, José e Ana Linhares. Vem esta para cozinhar e o marido para ordenhar. Lewis soube, desta vez, dar mais dimensão às suas criações: José Linhares é um

⁵ *Ibid.*, p. 203.

homem depravado, um vagabundo que voltara à sua ilha para casar com uma jovem, Ana, sedenta de ir para a América, aproveitando a oportunidade, sem sentir-lhe amor. Conflitos há agora neste livro, embora sempre em baixo-relevo: Ana e o marido, um caso de adultério entre Ana e Luís Sarmiento, que resulta na gravidez da jovem mulher, a qual nunca tivera relações sexuais com o marido, devido às excêntricas deste. José Linhares aborrece-se da vida e do trabalho na leitaria e vai-se embora sozinho, para só saber do namoro entre os dois jovens na altura do seu regresso alguns meses depois.

Entra agora nova personagem, que é a «colónia» portuguesa, muito ciosa da sua honra colectiva e ofendida pela transgressão dos seus códigos morais. Madruga, dono da leitaria, porta-voz da honra comunitária, recusa as solicitações das mulheres para que mande embora a rapariga. Chegam, logo as notícias da morte de Linhares, beberrão; e, afinal, acalmam-se as vozes reprovadoras da comunidade. O romance termina-se com a morte de Madruga, que, já doente do coração, sai deste mundo como queria, num momento exaltado, a cortar lenha. Em *Sixty Acres and a Barn*, Alfred Lewis, deu-nos figuras em carne e osso que nos ensinaram a sua maneira própria de ser, de agir e de reagir às peripécias da sua existência.

Outros romances inéditos têm certo valor literário: *Rockville*, Califórnia é obra de ficção científica. *The Mark of the Trespasser* trata de uma humilde família mexicana e a sua entrada furtiva nos Estados Unidos, Em *A Ship Full of Corn* o autor volta ao local do primeiro romance, as suas queridas ilhas da infância.

Alguns contos, dois dos quais publicados numa revista de alcance nacional, mostram o interesse do escritor imigrante pelo povo simples da sua região adoptiva, nomeadamente o

trabalhador mexicano, e o seu comportamento imperscrutável à mentalidade burguesa⁶.

Restrita à existência modesta da gente que retrata, ao dia a dia dos seus sonhos e desejos, a literatura narrativa de Alfred Lewis não pode comparar-se com a literatura de ideias dos escritores de primeira categoria. Mas, pelo retrato fiel, penetrante às vezes, de um grupo regional, merece ser mais bem conhecido.

Na comunidade portuguesa o nome de Alfred Lewis goza de mais fama, talvez, pelos poemas que saíram, especialmente nos últimos anos, no *Jornal Português* da Califórnia. Cem por cento bilingue, o escritor compunha os versos, ora em inglês, ora na língua materna. O poeta Alfred Lewis é, quiçá ainda mais que escritor de romances, idealista; mas o ponto de partida para a interpretação da obra poética é o seu grande apego à natureza. Homem criado no campo, numa freguesia florentina e mais tarde transplantado para uma pequena comunidade agrária do vale de S. Joaquim, nunca perdeu de vista a significação do sol, das árvores, do nevoeiro, dos pequenos bichos da terra. A natureza é omnipresente, é sexual e é boa. Fazem lembrar Walt Whitman os versos de «Summer»:

The sun is back! Unrepentant, proud
Teasing the clouds, romping though the sky
The frigid moth's shoulder; watching
His impish face floating
Upont the swirling water ...

Range vie with range, sparrow with sparrow
For his mischievous glance.
There is singing in the air; on every petal
A gift of dew to satiate his thirst ...

⁶ V. «Box-maker de luxe», in *The Prairie Schooner*, vol. XXIII, 1949, pp. 373 a 377; «Fame, fortune and tequila», *ibid.*, vol. XXIV, 1950, pp. 383 a 389.

DONALD WARRIN

Sired trees, beware! As twisted branches bend
Heavy with fruit, the day is near
For rain and fog; and he, the dreamer
Will wander again across the hill.

No seu isolamento continental o poeta contempla os anos que passaram e os afectos familiares que antigamente disfrutara, contrastando-os com a sua vida actual:

EMIGRANTE SOZINHO

O mar que vê é verde:
Tapete de erva bafejada ao vento,
Sem vagas brancas, sem o choro das aves
Voando em graça pelo céu d'outrora.

O sol que sente é outro:
Uma bola de fogo, nua
Queimando a terra, procurando à noite
O véu dos montes para retirar.

A voz da noite é nova:
Apitos; som sem música das fábricas
Silêncio, sem o trinar das guitarras.

E o emigrante sozinho
Recorda os tempos velhos:
E a saudade como nuvem de chuva
Ou manto roxo de lã,
Acaricia seus ombros
Como se fosse a mãe, deixada
Na sua Fajã pequena.

Continuava a ocupar-lhe boa parte da temática poética a ilha que deixara há tantos anos e que, por qualquer motivo, nunca quis ver de novo. Trata-se de uma série de poemas, escritos em ambos os idiomas, sobre a sua infância na Fajãzinha, como os dois a seguir. É de notar, aliás, a maneira em

que o escritor relembra personagens, lugares e situações já há muito desvanecidos, como pôde manter tão vivas as lembranças juvenis:

MANHÃ D'ESTIO

Um grupo de moscas valsa no centro
Da nossa sala caiada de branco.
Da janela contemplo o sol lá fora
Cheirando o ar fresquinho da manhã.

Os sons cansados de Agosto
Canário a saltar de galho em galho,
Carros de bois a deslizar no monte,
Modinha de mulher a sachar milho
São como droga mágica que torna
As minhas horas em sonho.

Sonho que traz visões de terras grandes
Donzelas de olhos negros, peitos de marfim.
E lábios a sorrir; florestas e cidades
Homens de muitas cores, navios e comboios ...

No centro da sala as moscas
Dançam, parece, uma mazurka agora.

ARAUTO

Era alto e delgado; a voz dele
Tinha som de trombeta, dava pulos
De colina em colina, carregada
Pelo vento cheirando de sargasso
Ou do perfume amarelo das flores.

Era arauto da vila: quando vinha
O vapor da carreira, mensalmente
Com carga e passageiros para a ilha
Descalço, ia a pé a Santa Cruz
Para saber se havia americanos
Em volta, de visita a sua casa.

Um, dois ou três. Era bastante então
De correr para traz com boas novas
Para mães ou esposas dos que foram
Em busca de fortuna e terras grandes
E que voltavam p'ra matar saudades
Do lugar donde haviam caminhado.

Como corria o homem Seus pés nus
Mal tocavam nas pedras, cepos verdes
Do atalho ligando Santa Cruz
A nossa pequenina Fajãzinha.

Ouçõ ainda a voz dele: «Ti Mariana
Deus lembrou-se de ti: Teu Antoninho
Desembarcou há pouco; vai chegar
Em breve a tua casa, forte e rico».

Ovind'isto a velhinha saiu fora
Da casinha caiada onde nasceu;
Seus olhos no atalho onde há dez anos
Com saco às costas seu filhinho havia
Partido para as terras d'El Dorado.

E apertava na mão moeda em prata
(Como era do costume) p'ra pagar
A este portador de boas novas.

Numa visão saudosista que nos lembra a saudade não ser sempre triste, e em linguagem coloquial, revelam-se os «Ti Francisco», «Ti Manuel», «Ti Maria» e «Ti Mariana», além do poeta mesmo, nos seus ofícios humildes, nas suas folgas e nos seus conselhos, como a da parteira:

Eu sei que vai partir», dizia ela.
«Recorda sempre a terra onde nasceste,
E o que aprendeste aqui. Detesta a guerra,
O que é injusto, o que pisa o sono.
A nossa ilha ... pensa sempre nela!»

No fundo Alfred Lewis é um grande idealista: um «dreamer», como se retrata, que se ajusta mal com as realidades

deste mundo. Assim são seus versos amorosos, prestes sempre a captar o mais efêmero sentimento. «La Ronde» pode sofrer uma influência romântica, mas, por várias metáforas percebe-se o estilo moderno:

LA RONDE

(For Miguel do Canto e Castro)

O dia foi-se embora:
Um coro de cicadas
Com pulso lento de lata
Arautos verdes, secretos,
Anunciam a chegada da noite ...

Dormes agora:
Cheio de sono o teu corpo respira
Sob um manto de neve, enquanto a lua
Pinta os arvoredos cor de prata
E transforma o sereno em diamantes ...

Mas quando a madrugada
Varrer a escuridão, deixar o sol
Maldoso, aproximar-se do teu leito
Para beijar sem pejo, a tua boca
E as pupilas dos teus olhos,

Vais ir, uma vez mais de bosque em bosque
Cabelo negro a voar ao vento
À busca em vão de planos sem ter plano
E amor que acena com asas de magia
Do outro lado do rio.

Até que a noite volte uma vez mais
Para embalar o teu corpo cansado
E dar frescura de novo,
À tua nudez de rosas.

A temática religiosa ocupa muitas vezes o autor. Um exemplo é este poema castiço e gracioso:

BAPTISMO

O padre estava lá perante a pia
Calvo, de branco, para baptizar
A criancinha que dormia agora
Nos braços ternos e quentes da mãe.

Pais e padrinhos esperavam sisudos
Perante a pia pintada de rosa
Aquele momento em que o padre ia
Deitar a água baptismal na testa
Da criancinha que dormia agora,
Fazer dele um cristão como nós todos.

E ao sair da igreja, um melro negro,
A chilrear contente, parecia
Saudar o cristãozinho que dormia
Como nada tivesse acontecido
Nos braços ternos e quentes da mãe.

Onde se vê Lewis mais metido, mais engajado é nos poemas cuja temática é a guerra de Vietname e a perda da flor da juventude numa contenda fútil, (como aliás seria para Lewis toda acção bélica). A ironia do título deste poema, «Aventura: Vietname», já nos adverte do malogrado fim do jovem protagonista:

AVENTURA: VIETNAME

(Aos pais e mães que os perderam)

Chegou a hora: beijou a mãe, a irmã
(Era ainda pequena) e disse ao pai
Fazer o seu dever, voltar em breve
Que agora é que era o tempo de partir
O mais breve possível, para completar
Os planos da sua vida.

Agora é que era o tempo: Enquanto a juventude
Pensava nas proezas do passado
E a música das bandas, estridente
Arrepiava o manto azul dos montes.

E os aromas de casa
O som, as cores, o voar das aves,
Tudo ficou atrás: ficou coberto
Da distância nebulosa do mar.

Membro da tropa nada lhe faltou:
Comida, farda, munições e armas.
Aprendeu a matar; soube o valor
Das noites de alcatrão; soube ser fera.
Era a questão de vida contra vida.
Na lama ensanguentada da batalha.

Voltou a casa um dia: houve discursos
Ao pé da cova dele; um capitão erecto
Leu uma carta, apresentou medalhas
À família de luto; finalmente
O som duma trombeta anunciou
O fim da cena, e os melros invadiram
Uma vez mais o seu país de paz
Que dá entrada a todos, novos, velhos
Seus planos do passado, as ilusões d'outrora.

Para pôr remate a esta breve apresentação da obra poética de Alfred Lewis, é mister notar o tom de angústia amorosa e de desilusão perante os seus ideais irrealizáveis, evidente em muitos dos poemas.

Esta atitude não se explica pelo aspecto material, deste ex-apanhador de batatas que chegou mais tarde a ser juiz municipal da sua cidade adoptiva; nem é fácil de compreender do lado literário: o autodidacta que conseguiu captar o interesse nacional — e internacional —, com o seu romance de estreia. Há as obras inéditas, naturalmente, e os sonhos e ideais que havia visto contrariados em muitos aspectos. Mas, as Beatrices dos seus versos, e as demais inquietações, não

serão sinal também da criança no poeta? A da grande memória, a mesma que sonhou tão alto nas Flores os sonhos que teve de proporcionar mais tarde à realidade do homem na Califórnia? Percebe-se isso nestes versos de «Companheira», imbuídos no classicismo português:

E os anos em dezenas decorreram:
Sem rebanhos, sem velas sem terrenos
Meus dias são iguais: nada há de novo;
A mesma guerra e raiva; a mesma fome;
Os mesmos jovens a sonhar em vão.